

Agricultura Familiar no Semiárido Potiguar: O Circuito Produtivo na Comunidade do Pau de Jucá (Ipanguaçu/RN).

Francivan Miguel da Silva¹

*Graduando em Licenciatura Geografia pela Universidade do estado do Rio Grande do Norte,
(84) 9991-0317*

Francivanmiguel4@alu.uer.br

Julia Evelin Barbosa Lopes²

*Graduando em Licenciatura Geografia pela Universidade do estado do Rio Grande do Norte,
(84) 9708-4843*

Juliaevelin@alu.uer.br

RESUMO

Este ensaio analisa o circuito produtivo da agricultura na comunidade do Pau de Jucá, localizada no município de Ipanguaçu/RN, sob a perspectiva dos agricultores familiares. A pesquisa considera as etapas produtivas, os principais cultivos, os desafios enfrentados e as estratégias de resistência adotadas pela comunidade. Com base em observações de campo, entrevistas e dados do IBGE (2012; 2017), busca-se compreender como o saber local e a organização comunitária contribuem para a permanência das famílias no campo. Os resultados apontam para a importância de políticas públicas de apoio à agricultura familiar como elemento fundamental para o desenvolvimento sustentável do semiárido.

PALAVRAS-CHAVE: agricultura familiar; circuito produtivo; desenvolvimento rural.

GT2: Estudos Agrários

1 INTRODUÇÃO

A agricultura familiar desempenha um papel estratégico na produção de alimentos e na dinamização das economias locais no Brasil, sobretudo nas regiões semiáridas, onde representa uma forma de resistência histórica frente às adversidades naturais e às desigualdades estruturais. No contexto nordestino, essas práticas agrícolas são atravessadas por saberes tradicionais, forte vínculo com o território e formas coletivas de organização social que desafiam a lógica hegemônica do agronegócio. Mais do que uma atividade econômica, a agricultura familiar constitui um modo de vida que articula cultura, identidade e pertencimento, sendo essencial para a manutenção das populações rurais no campo.

No estado do Rio Grande do Norte, a comunidade do Pau de Jucá, localizada no município de Ipanguaçu, configura-se como um exemplo representativo dessa realidade. Com

uma base produtiva centrada no cultivo de milho, feijão, hortaliças, frutas e raízes, essa comunidade mantém circuitos produtivos próprios, voltados tanto ao autoconsumo quanto à comercialização em feiras locais e programas governamentais, como o PAA e o PNAE. Um fator estratégico para a permanência dessa atividade é o acesso às águas do Rio Pataxó, que atravessa a região e se constitui como recurso essencial para a irrigação das lavouras, mesmo diante das limitações impostas pelas mudanças climáticas e pela falta de infraestrutura adequada.

Este ensaio tem como objetivo analisar o circuito produtivo da agricultura na comunidade do Pau de Jucá a partir da perspectiva dos próprios agricultores familiares, considerando suas práticas, desafios e estratégias de resistência. Ao valorizar os saberes locais e o protagonismo das comunidades rurais, busca-se compreender como o território é construído não apenas como espaço físico de produção, mas como um lugar vivido, carregado de significados, memórias e relações sociais. Além disso, pretende-se refletir sobre o papel das políticas públicas e da organização comunitária na construção de alternativas sustentáveis para o semiárido potiguar, reafirmando a centralidade da agricultura familiar como eixo do desenvolvimento rural.

2 JUSTIFICATIVA

Estudar o circuito produtivo da agricultura familiar na comunidade do Pau de Jucá é relevante por diversas razões sociais, econômicas e ambientais. Em primeiro lugar, a agricultura familiar é responsável por grande parte da produção de alimentos consumidos no Brasil e desempenha papel central na segurança alimentar, especialmente em regiões vulneráveis como o semiárido nordestino.

No caso específico da comunidade do Pau de Jucá, trata-se de um território marcado por práticas tradicionais, saberes ancestrais e uma forte organização comunitária. A presença do Rio Pataxó, que atravessa a comunidade, é um diferencial importante para o abastecimento hídrico, sendo utilizado como fonte de irrigação em muitas lavouras. Contudo, a falta de infraestrutura adequada para captação e distribuição limita o pleno aproveitamento desse recurso natural.

Entender como esse circuito produtivo se mantém e quais estratégias são adotadas pelos agricultores permite revelar não apenas os desafios, mas também as potencialidades desse modelo de produção.

Além disso, a análise da agricultura sob a ótica dos próprios agricultores fortalece o reconhecimento dos saberes locais como legítimos e fundamentais para o desenvolvimento sustentável. Ao valorizar a voz desses sujeitos, este trabalho também contribui para o debate sobre políticas públicas, justiça social e autonomia no campo. Assim, esta investigação se justifica por seu potencial de dar visibilidade a uma realidade frequentemente invisibilizada nas discussões acadêmicas e nos planejamentos institucionais, além de contribuir com reflexões críticas sobre o papel da agricultura familiar na construção de um modelo de desenvolvimento mais justo, solidário e enraizado no território.

3 METODOLOGIA

Este ensaio adota uma abordagem qualitativa de caráter exploratório e interpretativo, com ênfase na valorização dos saberes locais e na escuta ativa dos sujeitos envolvidos no processo produtivo agrícola. A investigação foi realizada a partir de uma perspectiva etnográfica, em que o contato direto com a comunidade e a vivência do cotidiano rural foram fundamentais para a construção das análises.

A pesquisa teve como campo empírico a comunidade rural do Pau de Jucá, localizada no município de Ipanguaçu/RN, inserida no contexto do semiárido nordestino. As técnicas de coleta de dados utilizadas foram:

- Observação participante, com registros em diário de campo das práticas produtivas, relações comunitárias, feiras e reuniões locais, permitindo a imersão na dinâmica socioterritorial da comunidade;
 - Entrevistas abertas com agricultores familiares, realizadas de forma informal e respeitando os ritmos e a linguagem local, abordando temas como o uso da terra, as etapas da produção, o acesso à água, a comercialização e a relação com as políticas públicas;
-

- Análise documental, com consulta a dados secundários do IBGE (Censo Agropecuário 2017; Indicadores 2012), publicações acadêmicas e relatórios de organizações como o Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA).

A escolha dessas técnicas buscou compreender o circuito produtivo não apenas como um processo técnico-econômico, mas como uma construção social enraizada no território, influenciada por aspectos históricos, culturais e políticos.

A análise dos dados seguiu uma abordagem hermenêutica, articulando as falas dos sujeitos com os referenciais teóricos adotados e os dados quantitativos do contexto regional. Dessa forma, buscou-se construir uma interpretação crítica e situada da realidade vivida na comunidade, valorizando os sujeitos do campo como protagonistas de seu próprio desenvolvimento.

4 REFERENCIAL TEÓRICO

A compreensão do circuito produtivo da agricultura familiar no contexto da comunidade do Pau de Jucá requer uma abordagem interdisciplinar, que articule conceitos oriundos da geografia agrária, da sociologia rural e dos estudos sobre desenvolvimento territorial. A agricultura familiar no semiárido brasileiro não pode ser entendida apenas a partir de uma ótica produtivista, mas como uma prática social e territorial que articula tradição, resistência e inovação.

O conceito de circuito espacial de produção, desenvolvido por Milton Santos (2006), oferece uma base importante para a análise da dinâmica produtiva nas comunidades rurais. Para o autor, os circuitos são formados por um conjunto de ações, técnicas e fluxos que conectam a produção ao consumo, passando por etapas como o cultivo, o beneficiamento, o transporte e a comercialização. No caso da agricultura familiar, esse circuito é marcado por vínculos diretos com o território e por uma lógica distinta daquela predominante no agronegócio.

Na mesma direção, Landu (2007) destaca que a agricultura familiar no semiárido nordestino está assentada sobre três pilares fundamentais: o saber tradicional, a organização

comunitária e o uso racional do território. Essa forma de produção está inserida em um contexto de escassez hídrica, vulnerabilidade social e histórica ausência do Estado. No entanto, também revela um repertório de práticas adaptativas, redes de solidariedade e estratégias de reprodução social que conferem forte resiliência às comunidades rurais.

De acordo com o IBGE (2017), mais de 70% dos estabelecimentos agropecuários do país são familiares, e no Nordeste essa proporção é ainda mais expressiva. No entanto, os agricultores enfrentam barreiras estruturais, como o acesso limitado à terra, à água, à assistência técnica e aos mercados. Essa realidade evidencia o que Abramovay (1998) chama de exclusão seletiva, em que o desenvolvimento rural avança sem necessariamente incluir os pequenos produtores.

Além disso, a abordagem da sociologia dos saberes locais (Toledo, 1992) reforça a importância de reconhecer os conhecimentos empíricos, transmitidos oralmente, como legítimos e fundamentais para a sustentabilidade da produção. Esses saberes dialogam com práticas agroecológicas, com a gestão comunitária da água e com a produção diversificada, demonstrando a capacidade dos agricultores de articular tradição e inovação. No campo das políticas públicas, estudos como os de Pereira e Mendonça (2017) defendem a gestão integrada dos recursos hídricos como elemento-chave para a sustentabilidade da produção agrícola em contextos de escassez. A ausência de manutenção de canais e sistemas de irrigação impacta diretamente a viabilidade dos circuitos produtivos em comunidades como Pau de Jucá, onde a agricultura está intimamente ligada à disponibilidade de água. Assim, a análise do circuito produtivo na comunidade em questão exige considerar não apenas os aspectos técnicos e econômicos, mas também os elementos simbólicos, políticos e territoriais que configuram o cotidiano dos agricultores familiares. O território, nesse sentido, não é apenas o espaço físico da produção, mas o lugar vivido, carregado de significados, memórias e relações sociais.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na comunidade do Pau de Jucá, a agricultura constitui a principal atividade econômica, com destaque para o cultivo de milho, feijão, batata-doce, hortaliças e frutas como melancia. A produção é voltada tanto para o autoconsumo quanto para a comercialização em feiras locais e

programas governamentais, como o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA).

As etapas do circuito produtivo incluem o preparo do solo, a semeadura, o manejo da irrigação, a colheita e a venda. Embora a ausência de sistemas públicos eficientes de irrigação comprometa o rendimento das lavouras, a presença do Rio Pataxó representa uma importante fonte hídrica para a comunidade. Muitos agricultores utilizam a água do rio por meio de bombas manuais ou encanamentos improvisados, garantindo a irrigação de pequenas áreas mesmo em períodos de estiagem. No entanto, a falta de estrutura adequada e apoio técnico impede o uso pleno e sustentável desse recurso. A ausência de sistemas públicos eficientes de irrigação compromete o rendimento das lavouras, conforme apontado pelos agricultores entrevistados. Segundo dados do IBGE (2012), cerca de 40% das propriedades do semiárido potiguar não possuem acesso direto à água para irrigação.

Outro desafio recorrente é a comercialização da produção, que frequentemente depende de atravessadores, resultando em preços desvalorizados. Os agricultores destacam que, apesar das dificuldades, encontram alternativas por meio da solidariedade entre vizinhos, do associativismo e do apoio de movimentos sociais como o MPA.

A organização comunitária tem sido essencial para o acesso a políticas públicas e para a construção de feiras agroecológicas, além da troca de sementes crioulas e do estímulo à produção sustentável. Essas estratégias demonstram que o circuito produtivo em Pau de Jucá está intrinsecamente ligado à luta por reconhecimento, autonomia e dignidade no campo.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo sobre o circuito produtivo da agricultura familiar na comunidade do Pau de Jucá evidencia que, mais do que uma atividade econômica, a agricultura é expressão concreta de modos de vida que articulam tradição, pertencimento, resistência e solidariedade no campo. A realidade local revela uma complexa rede de relações sociais e produtivas, construída a partir do saber acumulado por gerações e da capacidade coletiva de adaptação às adversidades impostas pelo semiárido nordestino. Mesmo diante de limitações estruturais como o acesso precário à água, à assistência técnica e à comercialização justa os agricultores familiares demonstram notável capacidade de reinvenção e organização. Práticas como o associativismo,

a troca de sementes crioulas, a participação em feiras agroecológicas e o engajamento em movimentos sociais revelam caminhos concretos de fortalecimento da agricultura familiar e de construção de autonomia.

A presença do Rio Pataxó reforça o potencial produtivo da comunidade, oferecendo uma importante fonte de água para a irrigação. No entanto, esse recurso ainda é subutilizado devido à ausência de políticas públicas eficazes que viabilizem seu aproveitamento pleno e sustentável. Investimentos em infraestrutura hídrica, assistência técnica e incentivo à agroecologia são essenciais para transformar esse potencial em maior segurança alimentar, geração de renda e qualidade de vida no campo.

A análise aponta ainda para a urgência de políticas públicas que respeitem as especificidades territoriais e reconheçam a agricultura familiar como eixo estratégico para o desenvolvimento sustentável do campo. É essencial investir em infraestrutura hídrica, apoio técnico continuado, acesso a crédito e valorização dos saberes locais como formas de garantir a permanência das famílias no campo com dignidade. Por fim, compreender o circuito produtivo da agricultura em Pau de Jucá a partir da perspectiva dos próprios agricultores permite uma leitura mais sensível e crítica da realidade rural. Trata-se de reconhecer os sujeitos do campo como protagonistas de sua história e como agentes fundamentais na construção de um futuro mais justo, sustentável e enraizado nos valores da cooperação e da vida comunitária.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1998.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Agropecuário 2017: Resultados definitivos**. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 05 ago. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Indicadores de Desenvolvimento Sustentável 2012**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 05 ago. 2025.



LANDU, Maria José. **Agricultura familiar e desenvolvimento territorial no semiárido nordestino**. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, 14., 2007, São Paulo. Anais [...]. São Paulo: USP, 2007.

MOVIMENTO DOS PEQUENOS AGRICULTORES (MPA). **Boletins e documentos institucionais diversos**. Disponível em: <https://mpabrasil.org.br>. Acesso em: 05 ago. 2025.

PEREIRA, Danilo; MENDONÇA, Eliane. **Gestão da água e agricultura familiar no semiárido: desafios e possibilidades**. Revista GeoNordeste, Aracaju, v. 28, n. 2, p. 140-159, 2017.